

Cine-Debate: Impressões de assíduas frequentadoras idosas



*Alexander Augusto Rodrigues
Macarena Maria Sfeir Sfeir
Ruth Gelehrter da Costa Lopes*

Qual é a importância deste projeto?

O envelhecimento e a longevidade da população mundial demandam que as ações junto a esse grupo etário estejam em constante aprimoramento, apontando a necessidade de formação continuada. A gerontologia nasceu como área interdisciplinar (Camacho, 2002), abarcando diferentes saberes e práticas, decorrente das demandas contemporâneas da longevidade, quais sejam, conhecimentos que atendam às necessidades de velhos, velhices e envelhecimentos. A pesquisa bibliográfica e filmográfica permite atualizar os profissionais sobre estudos recentes e instrumentalizá-los para a ação.

O cinema, ao mesclar real e imaginário - por meio de imagens inesquecíveis e marcantes -, possibilita ao espectador “viagens” impactantes, mobilizando memórias afetivas. Ao aproximar ficção e realidade, o filme pode ser uma forma de elaborar vivências da trajetória individual, propiciando olhares transformadores.

Esse contexto motivou os pesquisadores da PUC-SP a explorar o tema imaginário e longevidade, buscando conhecimento sobre o processo simbólico através de discussões intermediadas por filmes. Ao surgirem reflexões, além de permitirem ao indivíduo dar forma ao pluralismo dos desejos através das imagens, propiciou novas aprendizagens. No contexto de cine-debate, conteúdos silenciados por censura pessoal e social, podem ser acessados por meio de opiniões e compartilhamento de experiências (FALEIROS, VIANNA, OLIVEIRA, 2017).

Na área gerontológica, o cine-debate tem sido utilizado como recurso de sensibilização para lidar com questões fundamentais do nosso tempo, dar

oportunidade de acolher reações pessoais e estimular a reflexão crítica. Assim, pode ser oferecido um meio motivador e instigante para compreender questões cotidianas de cunho existencial que se encontram no imaginário social, dentre os quais está o longeviver.

O filme foi o instrumento escolhido por ser um mediador e por dar forma ao pluralismo de imagens dos desejos que, muitas vezes, só encontram eco em uma película. A dupla projeção do filme – e nela, do espectador – pode favorecer e estimular a tomada da palavra, expressão de ideias, reconhecimento, empoderamento e desenvolvimento pessoal e grupal.

A utilização do cine-debate como estratégia para promover a educação continuada, se apresenta como um facilitador do processo de aprendizagem e de formação, articulando saberes formais e os derivados de práticas cotidianas. Neste caminho não existem barreiras de escolaridade formal, ou idades, para a construção de um saber que possa ser apropriado por cada cidadão, pois as experiências de vida constituem saberes – expressos em narrativas – das memórias e identidades, simultaneamente, estruturais e estruturantes.

No piloto deste projeto, realizado anteriormente no NEPE (Brandão e Côrte, 2016), foram articulados estudos bibliográficos no tema memórias sociais e envelhecimento, em reuniões realizadas com a participação de idosos em centros de convivência, a partir de curtas-metragens e documentários. Os resultados evidenciaram o fortalecimento das possibilidades de reorganização da memória social e a reinserção social dos idosos em espaço dialógico de aprendizagem. A pesquisa conclui que o cine-debate representou uma prática comunicativa e espaço de fala, ressignificador da memória social.

Diante disso, consideramos que o filme apresenta um universo rico de possibilidades por meio de múltiplas linguagens: o roteiro escrito; a música (e outros sons); as cores e seus significados; os silêncios expressivos; as metáforas, estimulando a criação de um universo ‘paralelo’ no qual ‘mergulhamos’. O cine-debate pode promover a expressão de emoções ligadas às experiências vividas através de palavras que conferem significados, como alegria, tristeza, saudades, medo, angústia. O espaço relacional que esses depoimentos em grupo promovem são vetores de proteção para o longeviver.

Nesse sentido, reconhecemos que velhices podem ser enxergadas e analisadas de diferentes pontos de vista. A vivência do envelhecer pode incluir, assim, o olhar do velho, mas também o das pessoas em sua volta, como os familiares e cuidadores. Faz-se importante refletir sobre as velhices múltiplas e heterogêneas, a fim de tematizar aspectos que impactam na atenção integral à saúde dessa população. O sentido de velhice deve ser questionado para compreender as formas de pensar a respeito e verificar se são coerentes com as ações, além de desenvolver uma práxis crítica e plural que condiz com as realidades do território. O compartilhamento em grupo proporciona troca de saberes e experiências que auxiliam na reflexão ao se deparar com novas realidades.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem vínculo com o Núcleo de Estudo e Pesquisa de Envelhecimento (NEPE) e com o Grupo de Pesquisa Longevidade,

Envelhecimento e Comunicação (LEC), ambos certificados pelo CNPq. O primeiro tem relação, não comercial e de forma permitida pelo CNPq, com o Portal do Envelhecimento e pertence às programações da FACHS-PUC-SP. Ambos pesquisam o envelhecer, no entanto o primeiro tem como foco a pesquisa interdisciplinar e o segundo a pesquisa a respeito do retrato da velhice na mídia e na comunicação.

Portanto, o objetivo deste trabalho é o de verificar a possibilidade de revisão dos estereótipos, mitos e preconceitos sobre o longeviver, a partir da inclusão de profissionais, idosos e participantes de outras idades, em atividade de caráter lúdico, reflexiva e formativa. Através de espaços de convivência que contemplem a diversidade intergeracional e por se tratar de uma pesquisa interventiva, o intuito sempre foi no sentido de sensibilizar para a complexidade das construções identitárias, escutar e registrar as narrativas autobiográficas – como processo de reapropriação de si. A partir disso, o trabalho de registrar e refletir esses diferentes significados no contexto do imaginário da cultura e os relativos aos significados das etapas da vida possibilita ressignificar o lugar de quem está envelhecendo na sociedade e nos grupos íntimos de convívio.

A abordagem deste projeto é qualitativa e a estratégia de investigação será baseada no espaço relacional do conversar e da interação entre Eu e Outro, concretizada nas relações mediadas pelo diálogo a partir do que o filme tem a dizer a cada participante e ao coletivo. As narrativas, pessoais e existenciais, se transformam para se tornar do grupo e, assim, universais. Segundo Benjamin (1994, p. 2005), “(a) narrativa [...] é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. [...] Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”.

Cine-Debate: o trabalho de uma iniciação científica

Os relatos deste artigo são provenientes das atividades realizadas na pesquisa interventiva de Iniciação Científica em Psicologia da PUC-SP. Os Cine-Debates aconteceram toda última terça-feira de cada mês, no período de Agosto/2019 à Novembro/2019, sendo projetado um total de 4 filmes: “A Grande Dama do Cinema” (2019), direção de Juan José Campanella; “A Juventude” (2015), direção de Paolo Sorrentino; “Alzheimer na Periferia” (2018), direção de Albert Klink e “Paterson” (2016), direção de Jim Jarmusch.

Com um público de, em média, 10 pessoas por mês, realizamos a exibição dos filmes, seguido de debate, procurando articulares os saberes individuais por meio da troca dialógica. Este espaço foi se caracterizando como um lugar de educação permanente, dada que essa ação se desenvolve a partir dos problemas enfrentados no cotidiano, facilmente projetados nos filmes através de sua narrativa, cenário, personagens, tons, fotografia e tantos outros elementos que nos mobilizam subjetivamente (FALEIROS, *et.al.*, 2017).

Temas como a Solidão, o Passado, a Sexualidade, Família, Finitude, Demência, Corpo e Arte foram intensamente explorados durante todo este semestre. Em “A Grande Dama do Cinema”, por exemplo, foi interessante perceber quais reflexos tiveram a temática da finitude na fala das pessoas que estavam participando. “A

morte é muito presente na nossa vida” fala uma senhora de 78 anos, “ela ganha outros tons”. Ganha um tom mais forte, mais próximo do cotidiano do velho. No entanto, é possível perceber que essa fala não é carregada de um pesar, mas de uma verdade que está posta e que precisa ser encarada com os olhos da maturidade. Percebemos, também, com a fala de uma mulher de 68 anos de origem asiática, que a temática da finitude sempre esteve presente na sua cultura familiar “Eu, com origem japonesa, tenho outra relação com a morte. Eu naturalizo. A morte... Tem sofrimento, mas encaramos com maior naturalidade”.

O morrer aparece, num posicionamento crítico, extremamente presente no cotidiano. A construção imagética do velho enquanto um ser melancólico é bem retratada no filme que, por meio da mortificação das pessoas na rotina, vai fazendo com que pensemos nessas concepções acerca da intergeracionalidade. Ora, se por um lado os jovens mostram-se proativos, gananciosos, espertos, por outro os velhos mostram-se experientes, melancólicos e passivos. Acontece neste movimento uma tipificação do ser velho que foi muito bem trabalhado no debate ocorrido nesta sessão.

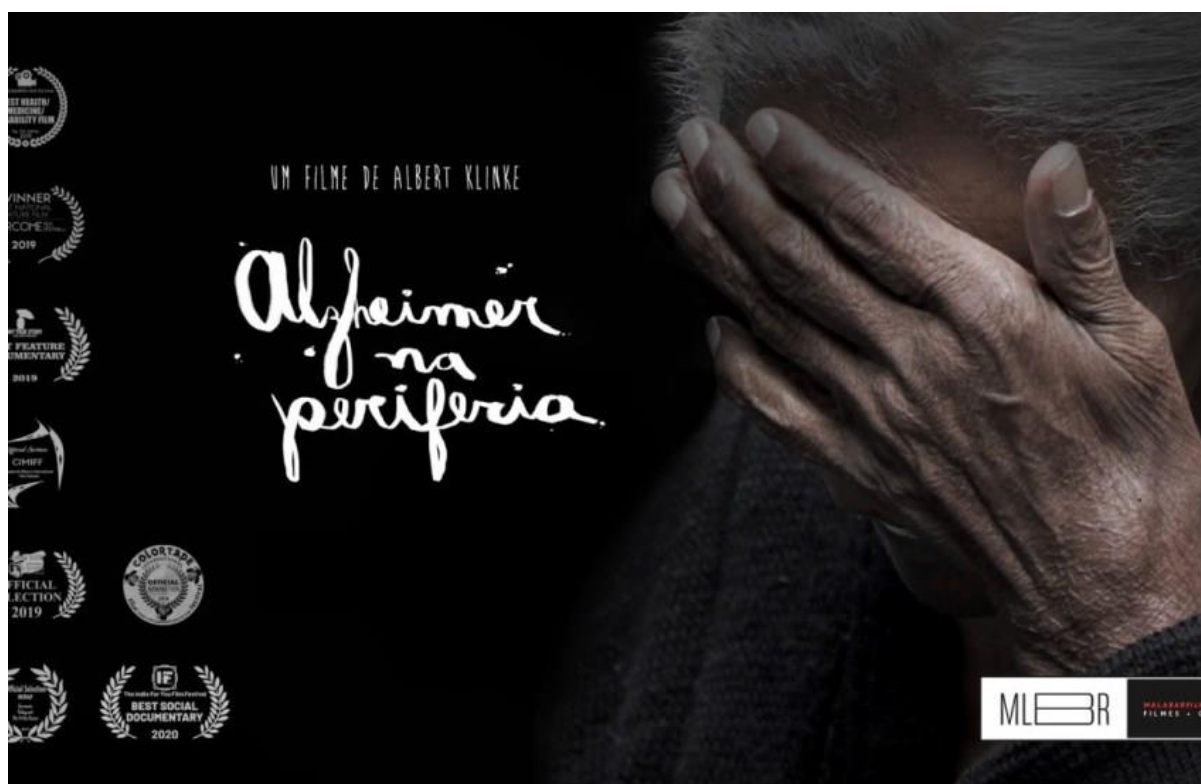
Com o filme projetado em setembro de 2019, “*A Juventude*” (2015), dirigido por Paolo Sorrentino, o enfoque foi na análise esmiuçada da profundidade que cada pessoa carrega consigo e dos diversos pontos de vista que surgem a partir disso. Uma das presentes, que dizia haver no filme um “acúmulo das mensagens em cada personagem”, leva-nos a perceber a sensação de profundidade em todas as cenas. Exemplo disso é a incoerência de compreensão da realidade entre as gerações. Muitas elencaram que os filhos dificilmente vão entender o que elas estão passando agora na velhice, evidenciando que “lá na frente que você vai contar as coisas da vida”. Após ter vivenciado os momentos de forma intensa é que a atenção para si começa a florescer de modo mais apurado.

Ainda tratando da finitude, quando pensamos em suicídio no Brasil, temos, segundo o Ministério da Saúde, uma alta taxa entre os idosos com mais de 70 anos. De acordo com o primeiro Boletim Epidemiológico de Tentativas e Óbitos por Suicídio no Brasil, publicado em 21/09/2017, “nessa faixa etária, foram registradas, em média, de 8,9 mortes por 100 mil nos últimos seis anos. A média nacional é 5,5 por 100 mil”, de acordo com este mesmo informativo (BRASIL, 2017). A taxa de mortalidade de idosos no contexto brasileiro pode ser agravada em decorrência de diversos fatores, como: pobreza, situações de vulnerabilidade pessoal e social, desproteção, falta de engajamento do poder público em propiciar um longeviver saudável e bem sucedido, entre outras.

Alexandre Kalache (2020), junto de outros pesquisadores em recente artigo, indicam o quanto a pandemia da COVID-19 escancarou as desigualdades existentes na sociedade brasileira:

Envelhece-se mal e precocemente no Brasil. Assim, as mortes pela Covid-19 no Brasil refletem não tanto nossa composição etária, mas sobretudo o fato de nunca termos tido políticas para um envelhecimento ativo e saudável, centrado em promoção da saúde, de aprendizagem ao longo da vida, de participação cidadã e proteção dos mais fragilizados (KALACHE, 2020, p. 2).

Pensando nesse contexto, o documentário exibido no mês de outubro de 2019, “Alzheimer na Periferia” (2018), direção de Albert Klinké, também cumpriu um papel social de informar e propagar a situação complicada e de desamparo de diversos cuidadores familiares de idosos em situação de vulnerabilidade e dependência. O investimento dos pesquisadores, de qualquer área, nessa temática se mostrou muito pertinente, provocando um debate acalorado de uma memória coletiva, marcada pela desigualdade e desgovernabilidade.



Em paralelo a isso, uma das frequentadoras assíduas do Cine-Debate, de 79 anos, nos conta como foi cuidar de sua mãe, que desenvolveu a Doença de Alzheimer, por 13 anos. Ela relata que enquanto ia assistindo o filme, acabou por se comparar aos cuidadores do filme. O impacto foi tão grande que ela concluiu que fez uma autoanálise sobre sua vida e sobre si mesma. Entrando numa reflexão sobre o passado e sobre o presente, ela lança a seguinte pergunta: “Quem vai cuidar de mim?”. Esse intenso questionamento, apelativo em sua profundidade, nos faz repensar o que Costa e Lodovici (2016) discutiram na sua pesquisa. Afinal “Como um cuidador familiar de idoso em cuidados paliativos vivencia o seu ato de cuidar?”

Muitas foram as mensagens suscitadas pelos debates, levando-nos a compreender que este é um espaço que permite a discussão dos mais variados temas, inclusive aqueles que são negligenciados no cotidiano das pessoas. A discussão intergeracional nos coloca em contato com um aprendizado atemporal, permitindo nos relacionar com o futuro e com o passado, na realidade daquele momento presente. Possibilita, também, avaliar o nosso papel enquanto parente, filha(o), mãe, pai, avó, avô, cuidador e alguém que necessita de cuidados, facilitando a desconstrução de imagens cristalizadas e naturalizadas na sociedade, bem como a

superação de certos estigmas quanto ao relacionamento intergeracional e ao próprio envelhecimento.

Entrevistas: uma análise do idoso na pandemia

Por volta de março de 2020, a sociedade brasileira viu-se confrontada com o surgimento de uma pandemia que levou a uma experiência coletiva de isolamento, uma quebra abrupta de rotina e a substituição desta por atividades domésticas ou pela retomada da rotina em formato online. A longo prazo, a vivência dos brasileiros foi marcada por insegurança, medo, angústia, fake news e uma grande preocupação pública (SILVA, SANTOS E OLIVEIRA, 2020). Com o passar do tempo, criar uma estratégia brasileira para lidar com a pandemia foi dificultada por mudanças de ministro da saúde, pela falta de sistematização dos números de contágio, de testagem e de morte, além da falta de políticas públicas e união política na hora de tomar decisões a respeito (DOURADO, 2020).

Pensando na população brasileira idosa, ela se tornou de um dia para o outro “grupo de risco”, terminologia anteriormente associada àqueles que contraíam HIV, e foram assim excluídos da vida social e familiar (COTINHO FILHO, 2020). Se anteriormente na vida cotidiana a narrativa social era dada por um grupo que não envolvia os velhos e sim os via como o “outro” (Beauvoir, 1970, p. 9), a pandemia levou a um maior afastamento dessa população do cenário social, ao ser considerada vulnerável.

O ser-arriscado constituiu-se de um dia para o outro, representando um peso para o idoso com mais de 60 anos que teve que enfrentar medidas tomadas pela própria sociedade a respeito de sua condição. Assim, a abrupta interrupção da rotina diária requereu um grande desafio para que se tornasse novamente suportável e ganhar nova forma. Além disso, houve ainda menos investimento de verbas e energia nas políticas públicas, já precarizadas, a respeito do idoso brasileiro (DOURADO, 2020).

Dada a impossibilidade de continuar reunindo grupos para realizar os cine-debates, a partir de março de 2020, ficamos sem os encontros presenciais. Mas foi considerado importante dar continuidade ao contato com o grupo de participantes. Assim, foram realizadas, em agosto do ano passado, entrevistas individuais com três mulheres, entre 64 e 79 anos, moradora de São Paulo, brancas e de classe média alta.

Além disso, a realização das entrevistas visou escutar e olhar para as diferentes velhices, providenciando um espaço de abertura e escuta. As entrevistas foram semi-dirigidas com o objetivo de que cada uma das mulheres pudesse trazer o que quisesse e considerasse importante da forma como lhe ocorreu. Quisemos saber, entre outros, a respeito da nova rotina, da mudança de sua relação com o tempo vivido e de sua visão sobre a COVID-19.

Em geral, percebeu-se que as três entrevistadas tiveram muito a contar e o faziam com grande empolgação, e não foram necessários grandes incentivos. Além disso, aconteceu, com frequência, que elas já respondessem, de forma espontânea, grande parte das perguntas propostas pelos pesquisadores. Podemos, aqui, levantar a hipótese de que o espaço da entrevista se constituiu em lugar da escuta

de si, de narrativa, o que, como afirma Dutra (2002), requer um narrador que conta sua história e pelo menos um ouvinte que o escuta. Este processo pode ter sido especialmente importante no momento pandêmico em que a escuta, de forma geral, estava voltada para fora, seja para o noticiário, para as *fake news*, para as redes sociais, e outros. Assim, narrar pode ser uma forma de elaborar algo próprio, e ser ouvida, uma forma de ser validado por quem abre tal espaço.

Cada vivência narrada se baseou, em grande parte, na experiência da pandemia, vivida coletiva e, ao mesmo tempo, isoladamente. Mesmo assim, todas elas foram singulares e diferentes entre si, confirmando que não existe uma vivência da pandemia, ao mesmo tempo de que não existe uma só vivência da velhice (BEAUVOIR, 1970, p. 14).

As três narrativas começaram com a vivência de quebra de uma rotina anteriormente estabelecida, o que acarretou muito medo e insegurança:

Confesso que nos primeiros dias, primeiras semanas eu fiquei meio em pânico, pois eu sou do grupo de risco. [...] eu tinha a sensação de que eu era sentenciada à morte, só não sabia quando que eu ia começar a cumprir essa sentença e como seria essa sentença. A gente nunca pensava em coisas, como ser contaminada, como uma coisa branda. Sempre pensava no pior, e as notícias, vocês se lembram, não eram nada alentadoras. Sempre aquela história: ou vai ser assintomático, ou estado grave de muito sofrimento, com um final incógnito. (Lucíola, 69 anos)

Segundo Mattedi (2008), a insegurança pode ser fruto direto dos desastres e, neste caso, do surgimento da pandemia. Ao vivenciar o desastre somos confrontados com a nossa própria fragilidade e mortalidade, levando ao medo, angústia e, assim, insegurança.

A drástica mudança de rotina chama para uma reacomodação, o que pode significar um ajustamento da rotina anterior para as novas circunstâncias, como observamos no caso de Maria (64 anos), que passou a realizar muitas atividades pela internet como forma de dar continuidade à sua vida. Por mais que algumas destas atividades tenham sido novas, e não fizessem parte de seu dia a dia pré-pandêmico, podemos dizer que a sua vivência diária continuou cheia de encontros, cursos e vida social, online.

Já Áurea (79 anos) parece ter aceitado as circunstâncias de solidão e isolamento impostas a ela e criado, a partir destas, uma nova rotina aceitável para si. Assim, relatou ter curtido a vista de seu apartamento, sendo que antes nunca teria tido tempo para isso. Ainda, passou a ler todos aqueles livros que não tinha tempo de ler durante a rotina anterior.

Ambas são soluções passíveis para lidar com a disrupção da rotina e podem restabelecer um sentimento de segurança no dia a dia, ao passo que volta a se formar uma rotina confortável e condizente com o que o entorno possibilita.

Interessante foi compreender as mudanças que sentiram na percepção do tempo. Para Áurea (79 anos), a pandemia trouxe o completo desligamento do tempo, o que segundo ela era algo que não conseguiu fazer em nenhum outro momento de sua vida. Diz ela:

Era tudo com horário, porque tudo é com horário na vida, né? Quando você se empenha, você se compromete, eu me comprometo. Então o relógio pra mim, antigamente, nem era celular, era o meu capataz. Vivia em cima de mim por causa dos horários, eu tinha muito horário para cumprir. O isolamento vai ficar para mim como uma anulação do tempo. Eu nunca mais usei o relógio de pulso, até acabaram as pilhas do relógio que eu tenho - e não recoloco. Não recoloco porque eu não quero. O relógio de cabeceira está desligado. Então eu não quero ser escrava do tempo nesse período, porque eu não preciso ser.

Áurea parece ter quebrado com a visão cartesiana de tempo que era, anteriormente, como diz ela, o seu “capataz”, e se dedicado a viver sem essas limitações. O tempo cronológico, pelo qual nos esforçamos a viver, como parâmetro comum, é determinado pela sociedade na qual se vive. Na sociedade contemporânea e ocidental, ele remete a seriedade e obrigações que devem ser cumpridas (Theodoro *et.al.*, 2020). Podemos observar que Áurea conseguiu aproveitar o isolamento para romper com esse tempo e dar mais ênfase ao lazer descompromissado.

Em contraponto, Maria (64 anos) acolheu esse tempo dentro de sua casa. Segundo ela, o tempo começou a passar mais rapidamente desde o início da pandemia, no mês de agosto de 2020 que, para ela, anteriormente durava muito, não demorou em passar. Podemos pensar aqui a respeito dos compromissos que durante a pandemia foram importados para o interior de muitos lares, sendo invadido o espaço do lazer e da espontaneidade pelo espaço da obrigação e do compromisso (TE *et. al.*, 2020), e, assim, para muitos a sensação foi de que o tempo acelerou.

Com relação à COVID-19, pudemos entrar em contato com diferentes posturas. Para Lucíola (69 anos), a vivência da pandemia acarretou medo e preocupação pela sociedade.

Eu me lembro de que quando nós atingimos cerca de 10 mil mortes no Brasil, nesse grupo de amigas que falei para vocês: "Ah, minimizando". Eu falei: "Gente, vamos tomar um cuidado. Números são importantes para estatísticos, para pesquisas, mas pra sociedade...", e na época eram 10 mil mortes, nós ultrapassamos 100... "Atrás de 10 mil mortes tem 10 mil vítimas, 10 mil famílias, 10 mil histórias, sabe"? Não dá para deixar de lado.

Lucíola ainda liga essa sensibilização ao fato de que se trata de um privilégio poder sentir preocupação pelo outro. Ainda diz que, se ela fosse mais jovem, realizaria trabalhos voluntários para ajudar a sociedade. Essa preocupação pelo outro é interessante, pois em teoria seria a sociedade que deveria estar preocupada pelo idoso e não vice-versa.

Áurea, ao ser perguntada a respeito de possíveis mudanças pós-pandêmicas na sociedade, disse não acreditar que iria mudar para melhor. Lucíola, também disse acreditar que uma grande consequência da pandemia será o atraso e lamentou muito a situação política de “desgoverno” que o Brasil está vivendo. Em ambos discursos podemos identificar um certo desamparo para com a situação e o futuro do país e delas. Apenas Maria disse que acreditava que a vacina não iria demorar muito.

As três vivências relatadas dizem a respeito de diferentes relações de indivíduos com a pandemia, a quarentena, a sociedade, o tempo e eles mesmos. A pandemia de 2020 provavelmente deixará marcas no imaginário social e na vida de quem a viveu.

Expandindo os olhares para o envelhecer criativo e formativo

A vivência deste projeto de Iniciação Científica nos fez começar a compreender a importância destas ferramentas - o Cine-Debate e as Entrevistas em profundidade - na promoção de saúde e bem estar, bem como uma proposta (concomitante à estas) de educação permanente, desenvolvendo uma criticidade em relação às dimensões sociais e subjetivas da realidade. Portanto, a atividade transcende apenas a concepção de lazer ou recreação, eliciando um espaço de convivência e de (auto) aprendizado, que também se mostra como forma de enfrentamento das limitações sociais e culturais impostas na nossa sociedade.

Portanto, é necessário que haja uma mobilização de todas as instâncias da sociedade no enfrentamento às desigualdades provocadas pela vulnerabilidade social, que acarretam algum tipo de violência contra as pessoas. Se tratando de velhices, heterogêneas e multifacetadas, quanto mais submetida a situações de violência e de vulnerabilidade, menos condições de saúde essas pessoas vão ter para se desenvolver e atingir sua plenitude. Mas, como constamos nesta experiência “a velhice ideal consistiria, portanto, num tempo de reflexão, de assimilação do passado, de busca de significado e de um avanço rumo à totalidade” (MAGALHÃES *et.al*, 2012, p. 146).

Referências

BEAUVOIR, S. [1970]. *A Velhice*. Tradução: Martins, Maria Helena Franco. 2a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BENJAMIN, W. [1994]. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 7a edição. São Paulo: Brasiliense. 2010.

BRANDÃO, V.; CÔRTE, B. Cinema e Memória: recursos de aprendizagem ao longo

da vida. IN FONSECA, S.C. (org.) *O Envelhecimento Ativo e seus Fundamentos*. São Paulo: Portal Edições. 2016.

CAMACHO, A.C.F. A gerontologia e a interdisciplinaridade: aspectos relevantes para a enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 10, n. 2, p. 229-233, Apr. 2002.

Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692002000200016&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03 Mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692002000200016>.

COSTA, F.F.S.; LODOVICI, F.M.M.O cuidador familiar de idosos em cuidados paliativos: limites e possibilidades. IN FONSECA, S.C. (org.) *Envelhecimento Ativo e Seus Fundamentos* São Paulo: Portal Edições. pgs 23 - 56). 2016 (pgs 23 - 56).

COITINHO FILHO, R. A. A (re) apropriação da categoria 'grupos de riscos' –da Aids ao COVID 19 –e a permanência do estigma sobre sujeitos em contextos pandêmicos". *Boletim Cientistas sociais e o coronavírus*, n. 39, 2020.

FALEIROS, V.P.; VIANNA, L.G.; OLIVEIRA, M.L.C. A Ressignificação da Velhice num Cine-Debate. *Estud. interdiscipl. envelhec.*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 133-151, 2017.

DOURADO, S. C. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em "grupo de risco". *Cadernos De Campo* (São Paulo - 1991), 29 (supl), 153-162, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp153-162>. Acesso em: 05.02.2021.

DUTRA, E.. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 7, n. 2, p. 371-378, Julio 2002 .

Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200018&lng=en&nrm=iso. Acesso em 07/Feb./2021. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200018>.

MAGALHÃES, G.P.; GONÇALVES R.; SAWAGUCHI, G; TABA, S; FARIA,D.L. Redes da vida: uma leitura junguiana sobre o envelhecimento e a morte. *Revista Kairós - Gerontologia*. Vo. 15. (vol.4). Temática: *Finitude/Morte e Velhice*. Pp.133-160, 2012. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17045>

MATTEDI, M. A. A abordagem psicológica da problemática dos desastres: um desafio cognitivo e profissional para a psicologia. *Psicol. cienc. Prof.*, Brasília, v. 28, n. 1, p. 162-173, 2008.

Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 07/Feb./2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000100012>.

SILVA, H.G.N.; SANTOS, L.E.S.; OLIVEIRA, A.K.S. Efeitos da pandemia no novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades. *J. nurs. health*. 2020; 10 (n.esp.): e20104007.

TEODORO, A.P.E.G.; BRITO,G.A.P.; CAMARGO, L.A.R.; SILVA, M.R.;

BRAMANTE, A.C. A Dimensão Tempo na Gestão das Experiências de Lazer em Período de Pandemia da Covid-19 no Brasil. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 23(3), 2020,126–162. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25305>

Filmografia

A GRANDE DAMA DO CINEMA. Direção: Juan José Campanella. Produção: Juan José Campanella, Gerardo Herrera e Axel Kuschevatzky. Produtoras: Telefe, INCAA e 100 Bares. Argentina, 124 minutos, 2019.

A JUVENTUDE. Direção: Paolo Sorrentino. Produção: Nicola Julianio e Francesca Cima. Produtora: Indigo Film. Itália, 124 minutos, 2016.

ALZHEIMER NA PERIFERIA. Direção: Albert Klinke. Argumento original: Jorge Felix. Produção: Lee Schuster, Neusa Marin, Francisco Marin. Produtora: Malabar Filmes. Brasil, 101 minutos, 2018.

PATERSON. Direção: Jim Jarmusch. Produção: Daniel Baur, Oliver Simon. Produtoras: Amazon Studios, Animal Kingdom, Inkjet Productions, K5 Film, Le Pacte. Estados Unidos, Alemanha, França, 118 minutos, 2015.

Data de recebimento: 05/04/2021; Data de aceite: 25/06/2021

Imagens: Divulgação

Alexander Augusto Rodrigues - Aluno do 7º período do Curso de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: alexander3augusto@gmail.com

Macarena Maria Sfeir Sfeir - Aluna do 7º período do Curso de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: maca.sfeir.2602@gmail.com

Ruth Gelehrter da Costa Lopes - Psicóloga, mestre em Psicologia Social pela PUC-SP e doutora em Saúde Pública pela USP. Atualmente é professora associada ministrando aulas e supervisão no Curso de Psicologia e orientando Atendimento em Grupo a Idosos, na Clínica-escola, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: ruthgclopes@pucsp.com.br